

UM BREVE OLHAR SOBRE O FÓRUM SOCIAL MUNDIAL 2006

JOSÉ MAURÍCIO DALTRO BITTENCOURT *

O Fórum Social Mundial (FSM) realmente é um mundo; aliás, mundos! São tantos os temas, objetivos, oficinas, debates, lutas particulares, lutas gerais, movimentos, partidos, sindicatos, mulheres, negros, índios, brancos, jovens, idosos, portadores de necessidades especiais, camponeses, urbanos, músicas, gritos, sorrisos, choros, faixas, panfletos, línguas, culturas, sons, cheiros (ufa!)... que pensar em apenas “outro mundo possível” seria reduzir tal diversidade a um ponto, talvez um outro mundo, um eixo. E o sentimento percebido no VIº Fórum Social Mundial e IIº Fórum Social das Américas, realizado na cidade de Caracas (Venezuela), de certa forma surpreendente, é que as pessoas realmente acreditam na mudança, na transformação social, na possibilidade de articular estes diversos objetivos e lutas particulares, contra aquele determinado ponto unificador das lutas (o eixo); que aqui ganha as cores de luta antiimperialista e/ou contra o neoliberalismo global. Surgem então algumas questões a serem pensadas: de quem são as vozes e olhares presentes no Fórum? Os múltiplos objetivos do FSM estão sendo cumpridos? É necessário existir um eixo unificador das lutas; qual seria?

1. AS VISÕES DO FÓRUM: AFINAL, DE QUAIS OLHOS ESTAMOS FALANDO?

Assim como o Fórum é fruto de “um mundo” de lutas, objetivos, articulações, ele também acaba por resultar em múltiplas visões e reflexões sobre seu próprio perfil. Deste modo, e logicamente, esta é mais uma das diversas análises e relatórios sobre o FSM das Américas 2006, tendo como perspectiva um olhar pessoal. Os olhos entram aí como simbologia, mais do que visão: tato, audição, olfato, paladar... Quem pode sentir e dar sentido ao FSM? Qual o perfil ou as características dos públicos presentes nos FSM?

Para uma breve comparação vale a pena elucidar alguns dados da pesquisa organizada pelo Instituto Brasileiro de Análise Social e Econômica (IBASE) e pela Secretaria Internacional do FSM (WSF Internacional Secretariat). No estudo, eles dimensionam que o FSM 2005, realizado na cidade de Porto Alegre (RS) teve 155.000 participantes. A predominância majoritária era de jovens entre 14 e 24 anos (42%), sendo que 70,8% têm menos de 34 anos e apenas 14,2% estão acima dos 45 anos (IBASE e WSF, 2005: 19).

Impressiona o grau de instrução dos participantes: 67,9% estão possuem nível superior incompleto ou completo, sendo que o percentual de doutores e/ou mestres (9,8%) é dez vezes superior ao de quem tem até quatro anos de escolaridade (0,9%). Sendo assim, e considerando o baixo nível de escolaridade do povo brasileiro, latino americano, africano, pode-se concluir que este indicador sugere que o FSM devesse ter como desafio para as próximas edições o repensar do público diretamente participante. Até porque um dos seus objetivos consiste na democratização das discussões e reflexões para o pensar do “outro mundo possível”. Outro exemplo: diante da evidência

de que os povos negros e indígenas apresentam os piores índices sociais no Brasil e no mundo, inclusive a escolaridade, é também de se questionar porque no FSM 2005, entre os participantes brasileiros (80% do total), apenas 16% eram negros e 2,2% indígenas, ao passo que os brancos perfizeram 63,3% dos presentes (idem: 27).

Para a comparação do público do FSM 2005 com este realizado em Caracas será exposto aqui um levantamento superficial, do que vi e percebi quanto ao público participante, somado a algumas análises e opiniões expostas pelos conferencistas em diversas plenárias. Como aqui a premissa para saber as visões do Fórum é justamente perceber de quem é a visão, naquela perspectiva de que “todo ponto de vista é uma visão a partir de um único ponto”, faço aqui já a *mea culpa* pelo limite próprio de análise (dois olhos e uma visão).

Segundo dados analisados no site da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) por Martinho Lenz, “*as cifras deste Fórum mostram sua força: 80 mil participantes, representando 10 mil organizações, 2.300 atividades e 500 eventos culturais programados, a um custo de oito milhões de dólares*” (cf. www.cnbb.org.br). Lenz também percebeu que foi muito comentada a quase ausência de movimentos sociais locais. E é justamente neste ponto que começa o meu olhar, nem tanto em relação aos movimentos sociais venezuelanos especificamente, mas em função das representações dos movimentos como um todo, dentro do que se pôde perceber em Caracas. Cabe, porém, uma ressalva (que aqui não poderá ser cumprida), parafraseando o sociólogo português Boaventura de Sousa Santos, em sua intervenção na plenária do debate “Relação de poder dentro do FSM” (Hotel Hilton, 28 de janeiro de 2006): não é possível pensar o FSM sem compará-lo a Bamako (Mali, África) e Karachi (Paquistão, Ásia), já que este ano o Fórum foi policêntrico.

Assim como os dados acima apresentados sobre o FSM 2005, também foi facilmente perceptível o grande número de jovens e estudantes em Caracas, muitos inclusive universitários. Outro grupo marcadamente presente era dos sindicatos, organizações não-governamentais (ONGs), partidos políticos etc. Os movimentos sociais estavam representados por suas principais lideranças. E coloca-se, então, uma questão crítica como desafio a ser pensado: se não se percebe a presença das bases dos movimentos sociais, do povo (nem mesmo de Caracas), daqueles que sofrem o mundo e que não têm a oportunidade e o prazer de discutir e pensar conjuntamente um outro mundo possível, como democratizar o FSM?

Fico então a pensar (na autocrítica) que a oportunidade de estar lá, sendo representante do percentual de nível superior (irrisório para o todo da população brasileira e latino-americana), de uma entidade que “apenas” acompanha, reflete e estuda os movimentos de base, com recursos para isto, viajando de avião, sobrevoando a Floresta Amazônica ao som e imagem de Elis Regina cantando na telinha do voo (que não é um detalhe de se jogar fora), remete a fatores já antes estudados: quem são os ditos intelectuais orgânicos, os militantes dos movimentos comunistas e socialistas, as

lideranças políticas e, mais que isto, até que ponto eles vão socializar seus mundos e conhecimentos (privilégios, porque não!) para a construção de “um outro mundo” (possível)? *Porque e como* fazer com que as bases sejam representadas?

Este foi um dos pontos tocados no debate há pouco citado, onde ampliar a participação popular, sem sombra de dúvidas, apresenta amplos fatores problemáticos, dentre os quais destacam-se: uma articulação estratégica anterior e posterior (constante e múltipla) entre os movimentos e/ou entidades de base, para que o FSM torne-se apenas um momento mais amplo de discussão, os custos de deslocamento e manutenção das bases populares nos Fóruns etc... Neste caminho, pensou-se para este ano o Fórum policêntrico (América Latina, África e Ásia) no intuito de aproximar as discussões dos povos que sofrem “o mundo não melhor”. Algumas outras alternativas estão sendo colocadas em prática como o Fundo de Solidariedade organizado pelo Comitê Organizador do FSM, que arrecada recursos para os custeios da participação da população de baixa renda. Mesmo assim, alguns pontos ainda foram criticados, a exemplo do detalhe do FSM das Américas ser realizado dentro do Hotel Hilton ou nas Torres do Parque Central, locais que “naturalmente” afastam (pelas barreiras “invisíveis” e subjetivas) o povo, *“aquela coisa do inconsciente popular dizer que ali não é seu lugar!”* (Boaventura Santos).



Apresentação cultural de Grupo Indígena. Ao fundo, as Torres do Parque Central (Caracas, Venezuela, janeiro de 2006). (Foto: José Maurício)

E fica o pensamento de que, mesmo com o paradoxo do FSM estar representado pelos “olhares” de uma camada ou classe que socialmente não pertence às bases populares (estudantes de nível superior, funcionários de ONGs, pesquisadores), ele ainda pode e deve ser identificado como instrumento e espaço de diálogo e articulação entre as diversas lutas e visões de “um outro mundo possível”. Tanto na esperança de “o ver/ser visto”, sim, pelos “diversos olhos”, como no seu fundamental processo de democratização e multiplicação das informações e ações “vistas” por poucos, para os olhos, ouvidos, tatos e paladares dos muitos.

2. O QUE SE VER EM UM FSM

2.1. TURISMO E WOODSTOCK POLÍTICO-SOCIAL

Começarei com um ponto polêmico: há quem diga que o FSM corre o risco de se transformar num Woodstock Social, numa referência ao revolucionário festival realizado em agosto de 1969, em Bethel, Nova York (EUA), onde sexo, drogas e rock roll eram o lema, ou apenas para quem quer fazer “Turismo Social”. Dito isto, no dia 26 de janeiro, no debate “Visão do socialismo” (também realizado no tal Hotel Hilton), Samir Amin, economista egípcio e um dos mais prestigiados pensadores marxistas da atualidade, parecia convocar todos para uma concentração do foco ocular para as discussões, articulações e ações no FSM. Mas, com respeito ao respeitado intelectual, é quase impossível, ou até mesmo inviável, que um Fórum desta magnitude feche seus olhos para outras formas de analisar, debater, articular e conhecer uns aos outros no caminho da construção de um outro mundo. Começarei, então, com o olhar turístico sobre a capital venezuelana.

Para além do conhecimento sobre a cultura culinária da Venezuela (arepas, pabellón criollo), ao olhar para Caracas percebe-se as características das grandes metrópoles subdesenvolvidas, nas quais as expressões do antagonismo e das disparidades sociais, dignas do fenômeno de expansão da economia capitalista que se convencionou chamar de globalização (*Global Cities*), estão por todas as partes. Parafraseando os pensamentos cantados pelos jovens do hip-hop brasileiro, Caracas parece um caldeirão preste a entornar (“o caldeirão quando ferve entorna”, canta Black Alien); é o mundo dito global (shoppings, McDonald’s, grandes bancos, hotéis, bairros ricos), ao redor do qual se espreme a grande massa. Se traçarmos um paralelo com o Rio de Janeiro, teríamos apenas que substituir os morros por montanhas, que é a configuração geográfica da cidade. Segundo dados da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal), 30% dos habitantes de Caracas moram em favelas e 20% em cortiços (Cepal, 2000).

Os participantes do FSM 2006 que chegaram pelo Aeroporto Internacional Simon Bolívar tiveram um pequeno contratempo (de duas a quatro horas): como a pista que o liga à cidade estava em obras, tiveram que fazer um desvio traçado por entre as montanhas que cercam Caracas. E aí apareceu a realidade de Caracas, talvez só percebida e olhada por dentro em função do “bom desvio”. Apareceu, por entre as nuvens, a aproximadamente 2.000 metros acima do nível do mar (sendo que Caracas está a 800 metros), um mundo de milhões de casas, casebres, barracos, “deslizando amontoados” montanha abaixo, como num “avalanche subumano”. Fiquei com a nítida impressão que é mais fácil esconder a pobreza em Caracas, até porque boa parte dela fica acima ou entre as nuvens na maior parte do dia... No caminho tortuoso até a cidade vamos percebendo um dos únicos momentos em que os participantes do FSM tiveram contato direto com a pobreza da cidade: as casas parecem estar uma em cima das outras, num desfiladeiro montanhoso que parece não ter fim; boa parte delas construídas com restos de material de construção (plásticos, eternite, madeiras); a maioria dos telhados seguros com

barrotes e pedras sobre as eternites e, ao anoitecer, o belo jogo de luz escondendo a triste pobreza, como num presépio de Natal.

Também não seria inoportuno afirmar que não se percebeu esta população nas atividades do FSM. Somente o mercado informal que circundava as áreas do FSM revelava as caras desta população, muitos traços indígenas e negros. Aliás, tal mercado despertou um interesse particular nesta edição do Fórum: além de água, refrigerante, cerveja, pipoca e artesanatos, o que realmente ganhava destaque eram os souvenirs ligados à figura do presidente Hugo Chávez, como pôsteres, camisas, bótons, bonés, discos com discursos, livros, bonecos com a figura do presidente e que, à pressão de um botão, discursava durante cinco segundos... Mas apenas a análise da imagem de Chávez nesse mercado certamente daria um outro artigo: quem produz estes objetos, quanto custam, qual simbologia trazem, o imaginário popular por trás disso etc.

Em relação ao que se poderia chamar de Woodstock Social, achamos que uma referência comparativa às festas, shows, bebidas e drogas que envolvem os Fóruns seria uma infelicidade. Primeiro, por descaracterizar toda a construção política e cultural que foi o próprio festival de Woodstock, que questionava as ações de guerra dos EUA no Vietnã, a ausência de liberdade e de expressão (sexual, musical) e um evento no qual a paz e o amor eram, sim, lemas da construção de um “também outro mundo possível”. E que apresentavam problemas encontrados em outros meios que buscam uma “democratização libertária”: quem tem o poder aquisitivo de estar lá, o quanto de recurso é necessário para geri-los, quem são os financiadores, quem lucra, quem acaba por entendê-los...



Noite cultural no palco do Parque Central (Caracas, janeiro de 2006). (Foto: José Maurício)

Segundo, e pelo pouco que percebi, o consumo de bebida alcoólica e/ou maconha (as substâncias mais facilmente perceptíveis) não chegava a dispersar o foco dos participantes. Muito pelo contrário, a bebida era proibida dentro do Acampamento da Juventude (alguns vendedores diziam que foi o próprio Chávez que proibira a venda). A maconha teve seu consumo discutido

numa plenária popular sobre legalização, onde favoráveis ou não tinham o direito ao microfone garantido. Também nestes momentos impressionava o envolvimento dos participantes, já que, em algumas rodas ou mesas de bares, os temas trabalhados durante o dia, a política, a articulação e as trocas de conhecimento continuavam. Foi também nestes espaços que a cultura ganhou mais cores: o hip-hop como elemento politizador, as danças e músicas regionais mostrando a cultura predominantemente negra e indígena da América Latina, o Acampamento da Juventude como local de dormida, alimentação, festas, trocas...

A análise das críticas que surgem com relação aos Fóruns não pode se restringir ao consumo das substâncias psicoativas. É emblemático na militância de esquerda (inclusive nos movimentos mais populares) a crítica a alguns espaços de descontração como uma fuga da luta, como se as festas, exemplo marcante e histórico de manifestação das próprias lutas, inclusive dos povos negros e indígenas, pudessem ser substituídas apenas pelas místicas. Como se todas as músicas só pudessem falar da revolução, das desigualdades, dos instrumentos de conscientização. Como se as danças, mais do que elemento da sedução, se transformasse na mera exposição vulgar da mulher. Reconhecemos que há um mundo ao redor disto (indústrias da música, do tráfico de drogas, do turismo) e que existe, sim, um limite tênue entre a alienação, a banalização e a descontração. Mas não há possibilidade de um mundo sem Woodstocks e de um FSM sem espaços alternativos às milhares de oficinas e debates.

2.2. SUA ORGANIZAÇÃO

Mais do que pensar a infraestrutura do FSM de Caracas, que teve apoio (cujo valor não foi divulgado) do governo da Venezuela (metrô livre para os participantes, segurança, espaços físicos, Acampamento da Juventude), olhar o Fórum sob a perspectiva da sua organização interna remete às análises mais amplas: quem o financia e como isto o influencia, quem o coordena, porque muitas atividades terminam não acontecendo etc. Um dos debates mais interessantes acerca da organização interna foi o referido “A relação de poder dentro do FSM”, organizado pelo Comitê Gestor do FSM. Na plenária aberta, em forma de círculo, estavam sentados ao centro alguns dos participantes do Comitê Internacional do FSM: Edgardo Lander, professor da Universidad Central de Venezuela (UCV), Virgínia Vargas, da Articulação Feminista do Mercado Comum do Sul (Mercosul), Roberto Sávio, do Conselho Internacional, e o já mencionado Boaventura Santos.

O primeiro ponto polêmico foi levantado pelo sociólogo português, que afirmou na plenária que a geração que iniciou o Fórum (talvez aquela presente ali) estava cansada e que o Fórum precisava assumir outro formato. Argumentou ainda que o mesmo está sendo vítima do seu êxito e que não é mais possível analisar o FSM sem compará-lo a Bamako e Karachi, pois, segundo ele, *“enquanto aqui na América Latina estamos preocupados com os grandes nomes e lideranças políticas, na África é diferente, pois, além de dar visibilidade aos problemas de África, demonstra mais democratização na participação popular”*.

Lander fez sua explanação em função dos aspectos metodológicos do FSM, que, segundo ele, também precisa ser repensado. Sobre este aspecto é importante salientar que os países com o maior número de atividades inscritas foram, respectivamente, Brasil, Venezuela, Colômbia e EUA. Para o professor venezuelano, existe um grande número de organizações que escrevem atividades e muitas delas não acontecem. Um fator que pode ter contribuído para isto é a inscrição via internet, já que houve uma disparidade enorme entre o número de participantes inscritos na rede e o que realmente veio a Caracas. Para ele, esta programação cada vez mais exigente demanda sempre mais recursos, mesmo que 1.400 organizações tenham trazido sua infraestrutura. E concluiu sua participação defendendo um critério mais rigoroso para as instituições inscreverem-se, a necessidade de politizar mais o FSM através das ações e reflexões dos eixos temáticos e que o debate sobre o próprio FSM não pode ser só acadêmico e sim um processo de maturação do pensamento da sociedade civil acerca dos Fóruns.

Vargas trouxe uma perspectiva política da intervenção e do perfil do FSM, pontuando que a capacidade e a dinâmica das mudanças nestes cinco anos de FSM *“não caíram do céu”*, antes decorreram das demandas sociais. Para ela, o FSM não tem que definir uma estratégia para destruir o imperialismo e sim *“dar cor às diversidades das demandas dos movimentos: o Fórum não é um sujeito político revolucionário”*. Assim, a radicalidade tem que ser contra o imperialismo mesmo, mas também contra o preconceito racial, a homofobia... Vamos dar luz a sua fala, anotada na íntegra: *“Temos que recuperar a diversidade das lutas e não focar em um sujeito como um eixo central; sujeito de classe revolucionário”*. Com isso, ela trouxe à tona para o espaço do FSM a discussão que é latente para os movimentos sociais atualmente: o eixo unificador das lutas e sua correlação com as diversidades dos movimentos (a questão sugerida por Alain Touraine: *“Podemos viver juntos ou nos fechar em nossas diferenças?”*).

Por fim, Sávio começou sua fala admitindo que sua posição é minoritária dentro do Comitê, já que, para ele, todo evento que sofrer um processo de transformação, não pode ter um modelo único e, sim, ir mudando. Propôs, então, três desafios para o FSM: (1) a participação e a mobilização (um espaço aberto), (2) um projeto e a execução de planos para a ação e (3) respostas concretas aos desastres criados pelo sistema neoliberal. Segundo ele, o Fórum não pode servir apenas a quem dele participa e sim ser um instrumento de cooperação, em direção a um caminho no qual a sociedade civil se oriente cada vez mais para a ação e não para geração de políticas (públicas, inclusive, acrescentaria eu).

3. É POSSÍVEL AVISTAR A UNIDADE DAS LUTAS PARA APENAS “UM OUTRO” MUNDO POSSÍVEL?

Olhar, perceber, avistar e acreditar nas ações comuns, em “um outro mundo possível”, na busca do eixo, da questão central... parece ser a tônica do FSM. Neste sentido, a análise se aproxima das idéias e questionamentos de Alberto Melucci e Touraine, dois pensadores que refletem as questões dos ditos

“novos” movimentos sociais. Saber o limite entre movimento social, sociedade civil, ação coletiva e grupos organizados (de moradores de bairros periféricos, jovens, mulheres etc.) requer a análise dos objetivos, do alcance das demandas específicas como das gerais e do reconhecimento da diversidade. Este olhar corre paralelo à outra discussão também marcante no FSM: “qual a visão do socialismo?”, “que esquerda queremos?”.

Touraine (1999: 115) afirma que os movimentos sociais não são somente sujeitos de lutas por demandas ou reivindicações particulares ou pontuais (grupos de interesse ou instrumentos de pressão política), mas estão para *“sempre abolir uma relação de dominação, fazer triunfar um princípio de igualdade”*. A busca, então, do chamado “conflito central” perpassaria o reconhecimento das diversas identidades e diferenças (também geradoras de tensões), dos valores historicamente construídos, a identificação do(s) “inimigo(s) comum(ns)”, da ação coletiva e da transformação da sociedade. Esta reflexão vai ao encontro dos debates ocorridos no FSM 2006 sobre a unificação dos movimentos e entidades para a destruição do imperialismo e do neoliberalismo (possíveis eixos centrais). Contudo, ressalvas sempre foram colocadas e servem para a discussão presente: qual neoliberalismo? como dar conta das especificidades, mesmo com a derrubada do neoliberalismo e/ou do imperialismo? (a exemplo das lutas da mulher, do povo negro e dos homossexuais, entre outras).

Outro ponto já tocado anteriormente (e que também foi objeto de análise por parte destes dois intelectuais) remete-se à questão de quem tem a oportunidade de olhar (leia-se, estar no FSM): como se organizar, ter forças para “lutar” e romper todo um sistema ou estrutura quando as bases, o povo, os militantes estão submetidos a um nível elevado de miserabilidade (fome, desemprego, falta de moradia e acesso à terra, saúde e educação precárias etc.)?. Neste sentido, ou, no caso, no sentido contrário, a burguesia, a chamada dominação, parece, sim, ter em mãos toda a estrutura para viabilizar seu projeto (cultural, econômico e ideológico) de sociedade.

Toda a luta da sociedade civil (no conceito mais amplo do termo) em sobreviver, mobilizar as massas (camponeses, moradores das cidades, trabalhadores), se organizar, se articular, agir e romper vai, então, de encontro a este tal “modelo dominante”. É nesta relação que “mora” o conflito, visivelmente contraditório quando se analisa alguns aspectos do FSM: a propósito, as diversas campanhas contra os “produtos das empresas multinacionais” (Coca-Cola, Nike, Ford, McDonald’s) eram anunciadas dentro do Hotel Hilton ou no sofisticado Teatro Teresa Carreño (já que a simbologia faz parte do processo), para não falar na própria concepção acima citada “de quem são os olhos presentes no FSM”.

Porém, uma coisa também fica latente às pupilas dos participantes do FSM: uma determinada “democratização das dores”, termo usado pela Articulação de Luta por Moradia (2003: 67) no seu **Dossiê** acerca das “Trajetórias das lutas das Comunidades Populares de Salvador (BA) pelo direito à moradia”, a união pela dor semelhante, denominação bem próxima daquilo que Touraine (1989: 120) chamava de *“um imenso caudal de sofrimento e de infelicidade*

que atravessa a história e que faz dos oprimidos de hoje irmãos dos oprimidos de ontem". Nessa perspectiva, acreditamos que o FSM cumpre um papel muito importante, apesar dos limites de participação e dos problemas metodológicos. Sua abertura denota esta questão: milhares de pessoas, instituições e movimentos sociais, com suas lutas, bandeiras e demandas específicas. O reconhecimento múltiplo, as trocas de olhares e a solidariedade entre eles eram visíveis ao chamado "olho nu". A Assembléia dos Movimentos Sociais é outro momento em que se percebe o reconhecimento e o apoio às diversas lutas, gritos, aplausos e articulações estratégicas. Foi nela, por exemplo, que vimos a possibilidade de uma articulação na América Latina contra a ocupação do Iraque ou a luta das mulheres (na Marcha Mundial das Mulheres) pelo direito à diversidade sexual (de homens e mulheres).



Passeata de Abertura do FSM das Américas 2006 (Caracas, 29 de janeiro de 2006). (Foto: José Maurício)

Uma série de questões ainda mais profundas (ou não!) parecem perpassar toda esta discussão: *“este aglomerado de demandas específicas têm a cara de esquerda?”*, *“o pensamento de esquerda dá conta desta diversidade?”*, *“qual e como está a esquerda na América Latina?”*. Para esta reflexão levantarei os pontos mais cruciais que emergiram de dois outros debates: “Nova Integração Latino-Americana”, realizado em 20 de janeiro no Parque Central, com Rafael Alogria, do Movimento Camponês, e Nalu Faria, da Marcha Mundial das Mulheres, e “Visão do Socialismo”, ocorrido em 26 de janeiro no Hotel Hilton, com Plínio de Arruda Sampaio, Michael Löwy, Atílio Boron e Samir Amin.

No primeiro, a conjuntura atual dos governos “ditos” de esquerda configura então “o novo”. A aliança entre Chávez (Venezuela), Evo Morales (Bolívia) e Fidel Castro (Cuba) aparecia como “a luz no fim do túnel”. Lembro-me de Luiz Inácio Lula da Silva (chamado, nesta ocasião, de companheiro) ser citado, nesta perspectiva, apenas no discurso do próprio Chávez, quando ele recebeu as lideranças dos movimentos sociais. Parece que o ponto principal desta integração seria “América Latina X EUA, a luta contra o império”. Alguns

pontos em comum entre os países foram apontados como facilitadores da integração: o processo colonial, a intervenção do capital estrangeiro (numa continuidade das colônias), a língua como “tesouro comum”, os inimigos comuns e o momento político atual.

Outro ponto-chave reside na constatação de que a integração não pode ser apenas comercial e/ou econômica, tendo que abranger a questão social, contando com o povo para a renegociação da dívida social histórica. Além disso, a derrubada do modelo neoliberal aparece como um aspecto decisivo nesta integração, o que exigirá a necessidade de se pensar o tipo de integração que se pretende construir, com a rejeição das regras do mercado e das empresas transnacionais, o reconhecimento das diferenças, numa visão integrada das reivindicações e da interculturalidade, de maneira a dar vez ao novo sujeito (formação, lutas, fóruns, mobilização).

O novo sujeito também apareceu em destaque no segundo debate aqui referido, que se concentrou na “Visão do Socialismo”. O desafio colocado consistiria em passar da consciência coletiva para atores coletivos, de forma que estes conduzam de forma prática as discussões (a exemplo da mobilização contra a guerra do Iraque e/ou o fim do armamento nuclear). Para os intelectuais presentes, o FSM faz parte deste processo, orientando-se justamente na direção de favorecer a consciência dos sujeitos e dos atores e contribuindo com o socialismo em função dos debates da governabilidade e da construção de alternativas ao capitalismo e ao imperialismo, mais do que ser um encontro espiritual. Porém, ressalta-se que o poder está nas mãos das instituições (em crise política) e o FSM não constrói alternativas, sendo que a esquerda na América Latina funcionou na macroeconomia, não no micro, na gente, na cultura, daí porque os Fóruns precisariam tomar caminhos regionais concretos para não se voltar deles com agendas particulares, evitando-se, inclusive, o risco da individualização dos conhecimentos.

O brasileiro Plínio Sampaio foi mais específico na construção do sujeito, que ele chamou de “novo”. Para ele, o socialismo (também no Brasil) passa por problemas sérios, a saber: o desafio da representatividade política (que ele chamou de “exigência da natureza humana”), o afastamento das lideranças das bases e a usurpação oligárquica do poder e, por último, a incapacidade de interpretação das massas, que acabam sendo manipuladas pela mídia. Mas, ao contrário do rompimento estratégico, seguido da tomada do poder por este novo sujeito, o que Plínio concebe são pequenos núcleos de base, com decisão de todos, num plano pedagógico que daria, ou já deu, na construção de um partido político. Como desafios mais amplos, ele sugere a crítica ao consumismo como uma proposta não de proibição mas de formação da sociedade (“formação contra a tirania do consumismo”) e o diálogo com os jovens: *“Temos que ser especialistas em juventude”*.

Outro ponto de vista colocado neste debate foi a importância não só de afirmar o discurso socialista mas, sobretudo, de buscar novas estratégias. De fato, a partir de 1990 a palavra socialismo foi se enfraquecendo e as lutas sociais foram reafirmando-a de forma desigual. E é nesta desigualdade, a meu ver, que pode se encontrar um dos nós da questão: dentro de múltiplas demandas,

objetivos, agendas e visões, qual socialismo daria conta de tal diversidade? Seria realmente socialismo? Tudo que vai de encontro aos padrões de consumo, ao império ou ao neoliberalismo seria socialismo? Samir Amin, por exemplo, vê esta nova configuração da América do Sul como consequência da mundialização do capitalismo que apartou o Sul, favorecendo a volta da perspectiva socialista, já que o socialismo europeu, segundo ele, ganhou forças imperialistas também. Mas de que Sul ele fala?

Avistar conclusões no FSM talvez não fosse a questão aqui. Acreditar na possibilidade de um outro mundo possível é o sonho e a utopia de todos que, de forma crítica, analisam que a realidade do mundo clama socorro. Como no caos, nas calamidades, tragédias, os gritos se fazem em milhões; ouvi-los e avistar os caminhos para estarmos a salvo (se é que isto existe!) requer união, estratégia, articulação e outros jargões conhecidos de todos os movimentos sociais e/ou populares. A busca do eixo de luta (que parece conjuntural), o reconhecimento das diferenças e os paradoxos e antagonismos da nossa sociedade (e do próprio FSM) são alguns desafios neste caminho de avistar o outro mundo possível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Articulação de Luta por Moradia. "Trajetórias das lutas das Comunidades Populares de Salvador (BA) pelo direito à moradia" (dossiê). **Cadernos do CEAS**, 206: 67-96. Salvador, Centro de Estudos e Ação Social, jul.-ago., 2003.
- Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal). **Panorama Social de América Latina 1999-2000**. Santiago, Cepal, 2000.
- Instituto Brasileiro de Análise Social e Econômica (IBASE) e pela Secretaria Internacional do FSM (WSF Internacional Secretariat). **Fórum Social Mundial, um raio X da participação no Fórum de 2005: elementos para debate (World Social Fórum an X-ray of participation in the 2005 Forum: elements for debate)**. Rio de Janeiro, IBASE/WSF, 2005.
- Touraine, Alain. **Palavra e sangue: política e sociedade na América Latina**. Campinas, Trajetória Cultural, 1989.
- _____. **Poderemos viver juntos?: iguais e diferentes**. Trad. de Jaime A. Clasen e Ephraim F. Alves. Petrópolis, Vozes, 1999.

* José Maurício C. Daltro Bittencourt é sociólogo, assessor da Equipe Urbana do Centro de Estudos e Ação Social (CEAS) e membro da Equipe Editorial dos Cadernos do CEAS. [jmdb1@ig.com.br]